

## SER-NA-CIDADE: POR UMA ARQUITETURA E URBANISMO COMO LUGAR

*Being-in-the-city: towards an architecture and urban planning as a place*

Werther Holzer  
UFF

**Resumo:** O objetivo desse artigo é o de levantar algumas possibilidades de se utilizar o aporte fenomenológico para a constituição de uma nova ontologia para a Arquitetura e o Urbanismo que priorize no projeto, seja da cidade seja de uma edificação qualquer, o habitar e o sentido do lugar, num diálogo com a Filosofia. O princípio que orienta a discussão é de que hoje, como a maioria dos habitantes da Terra é urbana, nosso ser-no-mundo se consubstancia como ser-na-cidade. Essa maneira contemporânea de ser pode ser observada, por exemplo, nas cidades médias e pequenas de uma urbanização dispersa, que desafia as utopias e os ideais e arquitetônicos e urbanísticos do século XIX e do século XX, colocando o desafio de se projetar segundo a imageabilidade, as marcas e matrizes paisagísticas, oferecidas por toda uma produção vernacular, esta sim, alheia aos ditames da geometria e da quantificação, e voltada para o mundo vivido.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Arquitetura e Urbanismo; Ser-na-Cidade; habitar; lugar; urbanização dispersa.

**Abstract:** The objective of this article is to come up with some possibilities of using the phenomenological contribution to the constitution of a new ontology for Architecture and Urbanism that prioritize in the design, whether of the city or of any building, dwelling and the sense of place, in a dialogue with philosophy. The principle that guides the discussion is that today, as most of Earth's inhabitants are urban, our being-in-the-world consubstantiates as being-in-the-city. This contemporary way of being can be observed, for example, in medium and small cities of disperse urbanization, which challenges the utopias and ideals of the architectural and urbanistic nineteenth and twentieth century, placing the challenge of designing according to imageability, the landscapes marks and matrices, offered by an entire vernacular production, oblivious to the dictates of geometry and quantification, and turned to the lived world.

**Keywords:** Phenomenology; Architecture and Urban Planning; Being-in-the-City; dwelling; place; disperse urbanization.

Há toda uma literatura a ser escrita, toda uma ciência a ser produzida, sobre o ser na cidade contemporânea, especialmente esse ser que deixa para trás os confortos das áreas centrais e opta por outro estilo de vida nas urbanizações dispersas das franjas metropolitanas.

Sobre essas áreas centrais as referências atuais ainda são as da modernidade:

A moça esbelta de olhos cor de violeta encobertos pelo véu o envolvera no seu luto, naquele dia de março de 1903, e do carro fúnebre que descia pela Praça Clichy, diante de seus olhos esbugalhados, o pequenino via passar um fiacre, um barbudo com chapéu-coco, um ônibus, transeuntes sem chapéu com cestos nos braços, um cavalo branco que transportava galões de leite, calças de escavadores com cintos zuavos, montes de estreme a feder, um automóvel sem capota e fachadas de pedra talhada ornadas com ninfas, placas de chapeleiros e de cafés-concerto, tudo isso balançava no andar do carro, [...] (Lyotard, 1998, 9).

Podem ser também as de uma pós-modernidade, que se passa na volumetria densa, contida, geometrizada, das áreas centrais e afluentes das grandes metrópoles, como São Paulo:

Os prédios mais altos parecem vestir a névoa da fuligem e de partículas de enxofre como uma diva que, ao terminar o seu número, se envolve, pudicamente, com um xale de seda. Mas esse xale se instala nos brônquios da gente, apagando-os, aos poucos. Já é parte do mistério do mundo, como as chuvas ou o vento. Ao seu abrigo realizam-se, todos os dias, rituais e sacrifícios, que conduzem os celebrantes a diferentes êxtases, de enobrecimento ou de vulgarização, de elevação ou de mergulho nos abismos. (Krausz, 2011, 10-11).

Pode ser em Tóquio, com toda a sua parafernália tecnológica tornada em um organismo vivo e pulsante:

Estamos vendo a imagem da cidade. Ela é captada pelo olhar de um pássaro notívago a sobrevoar bem alto no céu. A cidade, em perspectiva, é um ser vivo gigante; um aglomerado de vidas que se entrelaçam. Inúmeros vasos sanguíneos estendem-se às mais recônditas extremidades do corpo, circulando o sangue e substituindo células, ininterruptamente. Através deles, novas informações são transmitidas e as antigas, recolhidas; novos desejos de consumo são transmitidos e os antigos, recolhidos; novas contradições são transmitidas e as antigas, recolhidas. Esse corpo, ritmado

---

pela pulsação, emite por toda parte pequenos lampejos de luz, produz calor e se move discretamente. A meia-noite se aproxima e, apesar de o horário de pico já ter passado, o metabolismo basal — para a manutenção da vida — continua, sem sinais de desaceleração. O *gemido* da cidade soa como uma melodia em baixo contínuo. Um gemido monótono e constante que incuba a percepção do porvir. (Murakami, 2009, 7).

Poucas palavras sobre as periferias dispersas, as franjas periurbanas, elas não tem qualquer poder de atração para um *flâneur*, não tem charme da superposição das cenas, das paisagens cambiantes, proporcionada pelas diferentes tribos que se acotovelam nas ruas, nos centros de compras, nos eventos e nos espetáculos. Ao invés do romancista, o observador de costumes:

The average number of houses per acre in prewar subdivisions had been about five. In the suburb where I live, begun in 1950, the number of houses per acre is eight. The houses were designed by an architect named Paul Duncan. You leave the space between the houses uncrossed. You rarely go across the street, which is forty feet wide. You are grateful for the distance. It is as if each house on your block stood on its own enchanted island, fifty feet wide by one hundred feet long. People come and go from it, your parents mostly and your friends. Your parents arrive like pilgrims. But the island is remote. You occasionally hear the sounds of anger. You almost never hear the sounds of love. You hear, always at night, the shifting of the uprights, the sagging of ceiling joists, and the unpredictable ticking of the gas heater. What is beautiful here? The calling of a mourning dove, and others answering from yard to yard. Perhaps this is the only thing beautiful here. (Nicolaidis e Wiese, 2006, 271).

A essas novas urbanizações, dispersas, difusas, são imputados todos os problemas de falta de identidade, de urbanizações que são o verdadeiro simulacro produzido pela globalização:

São Paulo [...] é também uma região metropolitana na qual as distâncias físicas que costumavam separar diferentes grupos sociais podem ter encolhido, mas cujos muros cercando propriedades são mais altos e os sistemas de vigilância, mais ostensivos. É uma cidade de muros em que a qualidade dos espaços públicos está mudando imensamente e de maneiras opostas àquilo que se poderia esperar de uma sociedade que foi capaz de consolidar uma democracia política. De fato, a segregação e o processo de ostensiva separação social cristalizado nas últimas décadas pode ser visto como uma reação à ampliação desse processo de democratização, uma vez que funciona para estigmatizar, controlar e excluir aqueles que acabaram de forçar o seu reconhecimento como cidadãos, com plenos direitos de se

---

envolver na construção do futuro e da paisagem da cidade (Caldeira, 2003, 255).

Este “objeto” não nos atrai, fazemos a sua leitura sentados em nossos gabinetes, olhando imagens de satélite, observando as grandes manchas que se espalham informes, disformes, indisciplinadas pelo território:

Propusemos, [...], a categoria impulso global para o estudo desses vetores que subordinam a modernidade, com suas surpreendentes possibilidades, aos desígnios da modernidade: sistêmica, extrovertida, gestora ou administrativa. A subordinação da modernidade à modernização, conduzida por grandes corporações e pelos poderes dominantes na escala do mundo, com seus aliados internos em cada país, ocorre controlando a aventura da modernidade e adequando o tecido social às condições de expansão de sistemas pré-concebidos e formatados (Ribeiro, 175-176, 2013).

Segundo uma parcela considerável, e hegemônica, da literatura sobre o tema ali habita um homem genérico, sem alma, sem ambições, aquele que se acomodou em sua casa e ao seu trabalho e tem como única função consumir tudo o que lhe oferece o capitalismo tardio.

Para os efeitos desse artigo se trata de um tema que desvela como uma grande parcela dos arquitetos e urbanistas está afastada dos fundamentos de sua profissão, que é a de atender ao habitar pleno das pessoas, não importa se esse artefato seja uma casa, um prédio comercial ou uma cidade. Desde que a profissão deixou de atender apenas aos seus mecenas e passou a servir aos interesses de empresas, do Estado ou a interesses políticos determinados, em meados do século XIX, quando as cidades se conformaram como se apresentam hoje, a tendência foi se afastar da questão do habitar priorizando a forma ou da função do artefato, ou seja, geometrizando e simplificando o espaço vivido objeto de suas intervenções.

A cidade sobre a qual falamos é um fenômeno recente, atrelado ao processo de crescente urbanização que atingiu o percentual de 54% da população mundial em 2014 (UNRIC, 2014). Se por um lado esse fenômeno se consolida com a multiplicação de megametrópoles, se apresenta também como uma fuga dessas áreas centrais mais

densas e como uma dispersão por cidades médias ou pequenas onde o apelo é por uma melhor qualidade de vida.

Arquitetos e Urbanistas são atores importantes no agenciamento não só das unidades habitacionais ou das cidades, ele projetam a partir da ideia de que o espaço vivido das pessoas deve ser regulamentado a partir da previsão e controle de suas intenções e ações. Ocorre que um percentual muito significativo dos artefatos produzidos pelas pessoas, sejam casas, bairros, ou cidades inteiras, estão em desacordo com esse princípio já que não passaram pela mão de nenhum gestor, são edificações vernaculares, concebidas e construídas a partir de marcas e matrizes muito mais próximas da vivência cotidiana das pessoas e, por outro lado, muito distantes dos parâmetros edilícios e urbanísticos que os planejadores almejam para as cidades.

Esse descompasso entre a cidade idealizada pelos gestores e a vivenciada pelos usuários leva à sua negação, a partir da ideia de que ela é caótica e desorganizada e que a solução de seus problemas passa pelo ordenamento rigoroso de todas as suas formas e funções.

Nossa proposta nesse texto é de trilhar outro caminho, a partir de Norberg-Schulz:

The existential dimension is not “determined” by the socio-economical conditions, although they may facilitate or impede the (self-) realization of certain existential structures. The socio-economical conditions are like a picture-frame; they offer a certain “space” for life to take place, but do not determine its existential meanings. The existential meanings have deeper roots. They are determined by the structures of our *being-in-the-world*, [...] (1980, 6).

Sugerimos inverter o processo de observação e de pesquisa científica nos orientando a partir do conceito de lugaridade. Acreditamos que um outro mundo abrirá suas portas para nós:

November 2. Rain all the week. House behaving its best. Every night rain pattering on roof. To-night extra cozy. Fire in the fireplace, drops of rain ticking down the chimney, slanting gusts across window-panes. Dinner ready, waiting for Gregory. Hard on him driving out from town. Perfect for me, and for him when he gets here. Item to remember: A country cottage

---

out in a storm is more actively comfortable than an apartment in town. Sense of comfort vivid, completely sheltered, yet surrounded by rain. One seems so near the rain, like a woodland creature snug and warm in a hollow tree. Gives sense of intimacy, tranquility, privacy, the reality of the earth. (Nicolaides e Wiese, 2006, 56).

A título de exemplo discuto, a partir de um aporte teórico fenomenológico, a constituição do lugar em áreas periurbanas de metrópoles brasileiras. Áreas que venho pesquisando há muitos anos, que defino, a partir de determinada bibliografia (Domingues, 1999; Reis Filho, 2007, p. ex.), como de dispersão urbana.

Essa definição não se apoia em uma visão macro, a partir do consenso da evidência, ou na análise da sua estrutura enquanto processo histórico. A abordagem do fenômeno do lugar, em uma área considerada por muitos cientistas sociais como um absoluto deslugar, como se as vivências dos usuários desses extensos, e pouco densos, assentamentos dispersos pelas periferias urbanas fosse um mero simulacro. Vidas determinadas por forças e interesses alheios a qualquer arbítrio e determinação que possam ter.

O lugar aparece como objeto de pesquisas na Geografia e na Arquitetura na década de 1960 (Holzer, 1999; 2016). Relph (1976) associa o lugar a um “espaço existencial” ou “espaço vivido”:

[...] a estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, ele é intersubjetivo e, portanto, permeia a todos os membros daquele grupo, pois estes foram todos socializados de acordo com o conjunto comum de experiências, signos e símbolos." (1976, 12).

Uma formulação, fenomenologicamente orientada, sintética e elegante é a oferecida por Dardel: “O afastamento e a direção definem a *situação* [...] direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência.” (2011, 14).

Esta formulação se refere a dois fundamentos da fenomenologia: a intencionalidade e a intersubjetividade, implicando em que nossos referenciais existenciais, os de nossa vida cotidiana, seja como indivíduos, seja como seres sociais, são constituídos a partir da cultura que compartilhamos.

Pensando no usuário de um determinado assentamento, podemos definir o lugar como a porção mais íntima, mais próxima do espaço geográfico ou da base (segundo uma concepção dardeliana), onde vivemos a nossa existência como seres-no-mundo.

Referindo-se à escala ampla do espaço geográfico a Geografia, ao voltar-se para a essência de seu campo de pesquisas, reporta-se à Geograficidade; enquanto que a Arquitetura e o Urbanismo projetam, desenham e edificam artefatos que servem de abrigo, na sua essência tratam da “Habitabilidade”. Os usuários desses lugares que são cidades, ao serem-na-cidade (Wasiak, 2009, 350), o são em sua Geograficidade e Habitabilidade.

Heidegger (s.d.,n.p) vai nos apresentar essa questão do habitar, a partir dos lugares. Ele trata do ser-em-situação (Dasein), muito mais próximo do espaço geográfico e de sua geograficidade, mas a questão que orienta esse texto se refere a um habitar mais específico, ainda que não seja menos fundamental, o que ocorre em um grande artefato, que é a cidade. Então, esse ser-em-situação vive muito mais um cotidiano de negociação entre o corpo e a tecnologia (Wasiak, 2009, 350), do que um cotidiano de negociação do corpo com a natureza, tanto no plano dos fenômenos essencialmente ligados à materialidade como no plano dos ligados a imaterialidade, como exemplo desse segundo, podemos nos perguntar o que significa para as crianças hoje o ato de brincar.

No Brasil, como no resto do mundo, geralmente atribuímos essa mudança ao processo de globalização, o que pode ser considerado anacrônico, já que a globalização é um fenômeno que remonta pelo menos ao século XVI (Dussel, 1993). Nossa tese, apresentada nesse texto, é de que a grande mudança em nossa vida cotidiana, com relação aos artefatos tecnológicos que hoje habitamos e manipulamos, ocorreu muito recentemente, após a Segunda Guerra Mundial, quando a maior parte da população se urbanizou e a cidade, ou seja, seus habitantes, como propõe Tuan (2013), deixa para trás suas relações mais viscerais com a natureza e com o campo. Nesse momento a tecnologia onipresente em nossas vidas pode atingir toda a Terra com seus resíduos tóxicos e suas montanhas de lixo (McKibben, 1990).

Os arquitetos e urbanistas dos fins do século XIX já se preparavam para essas mudanças, eram a vanguarda do pensamento de ordem prática que pensava um mundo projetado para o que as pessoas consomem, naquele momento de transição, que os pensadores marxistas apropriadamente denominam de transição da esfera de produção para a esfera do consumo (Smith, 1996). Período em que passaram a concorrer com o urbanismo e a arquitetura vernaculares, pensando em um arquiteto que projetasse um abrigo genérico, seja na escala da edificação, como propõe a Bauhaus, ou da cidade, como máquina de morar (Le Corbusier, 2013), ainda que muitos de seus projetos, como de outros arquitetos e, principalmente, urbanistas, não tivessem saído do papel.

Lynch (1997) foi dos primeiros a perceber que essa mudança das pessoas nas suas relações cotidianas com a arquitetura e com a cidade. Para ele a função do arquiteto e urbanista era a de projetar uma cidade segura, ou seja, uma cidade legível, tornada lugar, habitável, portanto apropriada como habitação. A partir dessa proposta penso que o papel do arquiteto ao projetar seria o de sintetizar as infinitas imageabilidades dos indivíduos, aquelas imagens da casa, da cidade e do mundo resultantes de suas intenções (no sentido da intencionalidade fenomenológica) e, principalmente de suas ações como usuários (interventores) dessa paisagem, resultado da ação coletiva, pois, como já observava Sauer (1998), trata-se de um ambiente apropriado pela cultura e tornado habitat.

Para Lynch (1981) o projeto e a edificação dessas cidades, e de toda a arquitetura, implicavam em uma Teoria Normativa, resultado de um planejamento participativo, onde as principais diretrizes eram determinadas por suas Dimensões de Rendimento (*dimensions of performance*), onde a qualidade do lugar é determinada pelos atributos que lhe são imputados pelos grupos de usuários. A qualidade do lugar, segundo Lynch, seria uma sinergia entre esse lugar e o grupo ou sociedade, ou como preferem os franceses, civilização, que o habita a partir principalmente dessas dimensões da vitalidade, do sentido, da adequação, do acesso e do controle.

---

Se ampliarmos nossa escala da cidade para todo o espaço geográfico podemos afirmar que a teoria proposta por Lynch segue os mesmos princípios da teoria de Berque para as paisagens:

A paisagem é uma **marca**, porque ela exprime uma civilização; mas é também uma **matriz**, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação – isto é, da cultura – que canalizam em um certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras com a paisagem de seu ecúmeno. (Berque, 1984, 33).

Uma relação nova se estabeleceu com as coisas a partir do fato de que a maior parte da população mundial vive hoje em um artefato que chamamos de cidade, é uma nova paisagem, ainda que as anteriores fossem também agenciadas pelo homem, que cada vez mais se afasta da natureza (Tuan, 2013).

Para alguns arquitetos e urbanistas, a partir de um referencial fenomenológico, é necessária uma adequação da arquitetura e do urbanismo a essas marcas e matrizes da paisagem urbana, ou seja, devem ser sensíveis ao “Gênio do Lugar”, como propõe Norberg-Schulz e Pallasmaa.

Norberg-Schulz, em um diálogo com Heidegger sobre o habitar, considera que o mundo vivido cotidiano trata do que é habitual, ou seja, habitamos na medida em que estamos e somos na Terra, tanto em pensamento quanto concretamente. Essa concretização denota a essência do habitar, então, “man dwells when he is able to concretize the world in buildings and things” (1980, 23).

Segundo o autor se a abstração é função da ciência, a concretização é função da obra de arte, podemos dizer a partir de um aporte fenomenológico que a ciência se refere primeiramente à intencionalidade enquanto que a concretização, como edificação ou produção de artefatos se refere à ação. De qualquer modo é a obra de arte, como *imago mundi*, que torna o mundo significativo, e os significados são uma necessidade humana fundamental. Nesse sentido a arquitetura é quando concretiza o *genius loci*, quando a existência humana é significativa, ou seja, quando torna todo o ambiente visível (Norberg-Schulz, 1980, 23).

O fato é que, segundo Norberg-Schulz, quando o homem habita ele está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um determinado caráter ambiental, ou seja, está orientado no sentido proposto por Lynch (1980, 19). Ocorre que na modernidade padecemos de uma orientação reduzida, o que pressupõe uma falta de identificação com o ambiente, gerando uma relação fragmentária (1980, 21)

Não que a estrutura do lugar seja fixa ou eterna. Ele se apresenta como uma experiência espontânea da totalidade, ou seja, aparece como um mundo estruturado a partir do espaço e de seu caráter (Norberg-Schulz, 1980, 18), pois a identificação e a orientação são aspectos primordiais do ser-no-mundo (Norberg-Schulz, 1980, 22).

O propósito existencial de construir, a partir de uma arquitetura como poesia, é o de tornar um sítio num lugar, ou seja, desvelar os significados presentes em um ambiente (Norberg-Schulz, 1980, 18 e 23).

Mas esse propósito pode ser obstado pelo consumo em massa de imagens onde o

[...] mundo físico, paisagens urbanas e contextos naturais, bem como nossas paisagens mentais internas, são colonizados, hoje, pela indústria da imagem. [...] O fluxo excessivo do imaginário promove uma experiência de um mundo descontínuo e deslocado (Pallasmaa, 2013, 15).

Reafirmar o habitar nessa cidade, onde a profusão de imagens não são o que prometem, pode ser intentado a partir do olhar proposto pela fenomenologia de experimentar e de apreender a cidade.

Esse é um olhar que se volta intencionalmente para as coisas, ou seja, para a relação com o nosso lugar, nosso ambiente, nosso mundo, construída no trajeto entre nós e os fenômenos que nos rodeiam.

Uma casa, uma paisagem, a cidade são fenômenos. Esses fenômenos só existem na relação entre o que pensamos e o que se apresenta diante de nós.

A vida cotidiana exige que em nossos pensamentos e ações nos voltemos para as coisas sempre como se fosse a primeira vez, para em seguida reconhecê-las e nomeá-las, ou seja, trazê-las para nós, torná-las reconhecíveis.

Nesse movimento de presentificação e de identificação interagem o ser e a base na qual ele se apoia. O corpo e o espaço, que, quando deixa de ser um pensamento idealizado, ganha uma concretude, se torna mundo, lugar.

O corpo e o mundo que só existem na relação entre ser e mundo, que determina que só somos-no-mundo, que somos simultaneamente, e por toda vida, ser e mundo.

Nada melhor do que o espanto e o encantamento de uma criança diante de um fenômeno que consideramos banal para explicar esse modo direto e profundo com que nos encontramos no mundo e o experimentamos enquanto um desafio, uma resistência às nossas limitações físicas e aos nossos desejos.

Desse modo só podemos ser no mundo se o mundo está em nós.

Hoje, para a maioria dos humanos, se somos seres-no-mundo somos na cidade. Cada um em seu mundo. Cada mundo em cada um de nós. Muitos em nosso mundo, muitos mundos em nós.

Na cidade por mais que tentemos seguir objetivamente o caminho em linha reta, somos desviados pelos artefatos, nos tornamos caminantes ao sabor dos corpos e objetos que insistem em resistir à nossa trajetória e nos empurram como ao sabor do vento ou das águas.

A Arquitetura e o Urbanismo não podem se furtar de priorizar a experiência cotidiana da cidade em seus projetos, de pensar o habitar e o lugar, sob pena de projetar para poucos, senão, para ninguém, tornando esses artefatos em deslugares apartados do espaço vivido.

### Referências bibliográficas

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84- 91.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania*. São Paulo, Ed. 34/Edusp, 2003 (2ª edição).

CENTRO REGIONAL DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – UNRIC. *Relatório da ONU mostra população mundial cada vez mais urbanizada, mais de metade vive em zonas urbanizadas ao que se podem juntar 2,5 mil milhões em 2050.* <http://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050>. (Último acesso em 15 de dezembro de 2016)

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo, Perspectiva, 2011 (Tradução: Werther Holzer).

DOMINGUES, Álvaro. Formas e escalas da urbanização difusa: interpretação e intervenção no NO de Portugal. *Inforgo*. Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 43-64.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro. A origem do "mito da modernidade"*. Petrópolis, Editora Vozes, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar* (Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback). [http://www.proureb.fau.ufri.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20habitar,%20pensar.pdf](http://www.proureb.fau.ufri.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf). (Último acesso em 07 de junho de 2016).

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. ano IV, nº 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

HOLZER, Werther. *A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina, EDUEL, 2016.

KRAUSZ, Luis S. *Desterro: memórias em ruínas*. São Paulo, Tordesilhas, 2011.

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo, Perspectiva, 2013 (7ª ed.).

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Lisboa, Edições 70, 1981.

LYOTARD, Jean-François. *Assinado, Malraux*. Rio de Janeiro, Record, 1998.

MCKIBBEN, Bill. *O fim da natureza*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1990.

MURAKAMI, Haruki. *Após o anoitecer*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

NICOLAIDES, Becky M.; WIESE, Andrew (eds.). *The suburb reader*. New York/London, Routledge, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*. New York, Rizzoli, 1980.

PALLASMAA, Juhani. *A Imagem Corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura*. Porto Alegre, Bookman, 2013.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.

REIS FILHO, Nestor Goulart (Org.). *Brasil: estudos sobre dispersão urbana*. São Paulo: FAU-USP, 2007.

---

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Por uma Sociologia do Presente: ação, técnica e espaço – vol. 4*. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2013.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORREA, R.L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SMITH, Neil. *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. London, Routledge, 1996.

TUAN, Yi-Fu. A Cidade: sua distância da natureza. *Geograficidade*, V. 3, nº 1, 2013. p. 4-16.

WASIAK, Jason. Being-in-the-City: a phenomenological approach to technological experience. *Culture Unbound*, V. 1, 2009, p. 349-366. Disponível em: [www.cultureunbound.ep.liu.se](http://www.cultureunbound.ep.liu.se). (Último acesso em 05 de maio de 2016).

---

Doutor em Geografia (USP)

Professor Associado (UFF)

E-mail: [werther.holzer@uol.com.br](mailto:werther.holzer@uol.com.br)